

Ancestralidade: as marcas na História¹

Gabriella da Cunha Santos²

Alfons Heinrich Altmicks³

Universidade Católica do Salvador, Salvador, Bahia.

RESUMO

O conhecimento da ancestralidade é um ponto de partida para uma construção identitária e de pertencimento étnico, ligada às nossas genealogias e às suas marcas deixadas nas nossas histórias (BASTIDE, 1974). A escassez de meios de acesso aos registros das famílias do Recôncavo Baiano compromete a busca de documentos historiográficos e paleográficos, que estão sendo perdidos por não receberem os devidos cuidados, assim impossibilitando, aos indivíduos, o aprofundamento no estudo de questões das suas identidades étnicas, pertencimentos e territorialidades, a fim de compreenderem as referências e as influências provenientes da ancestralidade. Dessa maneira, a pesquisa apresentada neste resumo objetivou delinear um modelo de buscas documentais e digitais, que fosse capaz de traçar as linhas hereditárias das famílias baianas, levando em conta as questões identitárias e de ancestralidade, a fim de compreender as influências ocorridas no pertencimento dessas famílias (SODRÉ, 1988). Diante desse problema de pesquisa, o objetivo geral elencado para esta investigação foi o de identificar um modelo de buscas documentais para traçar a linha hereditária das famílias do recôncavo baiano, no que tange a questões ancestrais e identitárias. Como objetivos secundários, procuramos 1. Levantar informações sobre a formação das principais famílias do Recôncavo Baiano; 2. Identificar as matrizes étnicas dessas famílias; e 3. Localizar as principais fontes primárias de registro dessas famílias, em repositórios digitais e arquivos *online* de igrejas do Recôncavo. Como método de abordagem, a pesquisa foi subsidiada pelo processo de análise e síntese, posto que as fontes consultadas foram exauridas, de tal maneira, que compusessem o produto intelectual final da investigação. Apesar de estar fundamentada no processo de análise e síntese, a pesquisa contou, também, com dados quantitativos, que

¹ Trabalho apresentado na IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

² SANTOS, Gabriella Cunha, estudante de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Católica do Salvador.

³ ALTMICKS, Alfons Heinrich, Mestre em Educação (UFSCar), mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social (UCSAL), doutorando em Educação e Contemporaneidade (UNEB). E-mail: alfons.altmicks@pro.ucsal.br

apareceram, contingencialmente, ao longo da sua consecução, sobretudo na forma de tabelas e gráficos. O percurso metodológico desenvolvido foi ancorado, basicamente, na triangulação de dados, utilizando os recursos bibliográficos disponíveis sobre o tema; a análise e classificação da documentação primária levantada nas redes digitais; e nas inferências da autora sobre como organizar o manancial de informações e dados. Dentro do método da análise e síntese, supondo a triangulação, acima descrita, a opção epistemológica para esta pesquisa foi a linha netnográfica, caracterizada pela preocupação em compreender o indivíduo dentro da perspectiva simbólica, que compõe a sua cultura, no uso dos recursos digitais e nos rastros que deixa nas redes (MATTOS, 2011). Dentre os variados suportes de prospecção da genealogia das famílias do Recôncavo Baiano, um merece especial atenção, dado o seu caráter idiossincrático: as redes digitais. Estas redes de extensão informacional têm a sua gênese no período histórico da Guerra Fria, muito embora o seu desenvolvimento como veículo de comunicação em larga escala somente ocorresse a partir do momento em que a sua tecnologia adentrou aos *campi* das universidades norte-americanas. A sua origem acadêmica, de certa forma, determinou a sua natureza, dotando o veículo de características contra-hegemônicas, fundamentais à sua proposição de uma construção cooperativa e anárquica do conhecimento (CASTELLS, 2001). As redes digitais constituem — e esta foi a sua concepção original — uma teia não-hierárquica de informações, de feição colaborativa. Isto significa que cada núcleo de expressão do veículo, cada computador no mundo, cada *palmtop* é ao mesmo tempo um polo emissor e um polo receptor de conteúdos. Originalmente, a sua tecnologia visava a reorganização automática da rede comunicacional, em caso de destruição de algumas das suas matrizes. Deste modo, a mensagem seria preservada e redistribuída, mesmo que houvesse a eliminação da sua fonte original. Como tecnologia bélica, as redes digitais representavam a maior expressão de comunicabilidade já engendrada pela mente humana (CAMPOS, 2002). Entretanto, a grande revolução promovida pelo veículo aconteceria quando da sua passagem às mãos da iniciativa civil. No início dos anos de 1970, esgotados os recursos de desenvolvimento de linguagem dos militares, as tecnologias não-hierárquicas de comunicação foram transferidas às universidades norte-americanas, para que fossem desenvolvidas. Uma vez nos *campi* dessas universidades, as suas linguagens — e também os seus conteúdos e mesmo a sua

tecnologia — passaram a ser desenvolvidas de forma colaboracionista. Várias mentes se debruçaram sobre as suas questões para resolvê-las conjuntamente, mesmo que estivessem separadas no tempo e no espaço (CAMPOS, 2002). Este desenvolvimento coletivo caracterizou o veículo, dotando-o de uma natureza eminentemente interativa. De fato, quase tudo na Rede Mundial de Computadores é calcado no princípio da interatividade, que simplesmente supõe a capacidade de alterar a mensagem original na fonte emissora, seja esta mensagem um conteúdo, uma informação, uma linguagem ou a própria tecnologia do veículo. Desta forma, porquanto seja interativa e colaboracionista, as redes digitais são veículo prospectivo por excelência (CAMPOS, 2002). De uma perspectiva teórica, a Rede Mundial de Computadores deve ser entendida como algo maior e mais abrangente do que um simples veículo de comunicação: traduz-se num mecanismo de projeção de todas as consciências humanas, portadoras de saberes, subjetividades e técnicas, organizadas numa dimensão socializante e tecnológica comum. Como tal, pode-se assumir que a fisiologia das redes digitais favorece a assunção de uma maneira toda peculiar de organização psíquica, subjetiva e intelectual, que atende às necessidades da autoformação e da busca pelo conhecimento. Atualmente, as pessoas têm acesso a um volume formidável de conteúdos, extraídos dos mais variados contextos comunicacionais. No entanto, todo esse manancial, isoladamente, não traz, em si, nenhuma perspectiva de um conhecimento de ordem mais complexa, capaz de dotá-las da transcendência do saber. Muitas vezes, ocorre exatamente o contrário: a difusão, o alcance e o volume imensos de informações fazem com que careçam de uma mínima organização das suas categorias intelectuais (ALVES, 2012). Trata-se do paradoxo provocado pelo excesso de informação: nunca antes, em toda a sua história, o ser humano teve tanto e tão irrestrito acesso à informação. Entretanto, ironicamente, este fato não tornou as gerações que nasceram sob a sua égide mais intelectualmente capacitadas — tampouco, menos — do que quaisquer outras gerações humanas. Talvez a maior representante do paradoxo supracitado sejam as redes digitais, cuja característica principal é o não condicionamento dos seus conteúdos a nenhum padrão de emissão que não seja a construção cooperativa e anárquica dos saberes humanos. É traço da sua fisiologia. Nesse sentido, as redes representam uma revolução absoluta em termos de possibilidade de aquisição de conhecimento, ainda que não ofereça a capacidade de organizá-lo. O cerne da discussão desloca-se, dessa maneira,

para um reducionismo previsível — e quase axiomático —, contido no argumento de que o veículo é capaz de informar, mas não de formar. Seriam, então, as redes digitais extremamente úteis àqueles que já dominassem as categorias mais sólidas do conhecimento; ao passo em que seriam subaproveitadas pela inteligência mediana, cujos vetores ainda não estivessem formados, no sentido de preencher a informação de alguma substância. Esse dilema deve ser enfrentado pelo pesquisador que pretende usar as redes digitais como veículo de pesquisa. Ele deve considerar as competências e estratégias, as quais subsidiarão a sua investigação (SOUZA; FRANCO; COSTA, 2016). Antes de qualquer coisa, ele tem que se preparar para os longos prazos, supostos pelo levantamento documental online. Com efeito, uma pesquisa sobre a genealogia de famílias do Recôncavo Baiano pode levar anos para ser concluída. Ao longo desse tempo, o pesquisador, forçosamente, precisará se motivar, para que as demandas metodológicas sejam corretamente cumpridas. Para esta tarefa – de levantar documentação sobre as famílias do Recôncavo Baiano, a partir do universo digital –, entendeu-se que o primeiro passo fosse a enumeração dos motores de busca dos arquivos digitais de Igrejas e cartórios de toda a Região. Em seguida, a partir da hierarquização dos sobrenomes mais recorrentes na Região, pretendeu-se amearhar todos os documentos encontrados nesses repositórios. Em paralelo, esses sobrenomes também deverão ser projetados às buscas nas redes sociais, de maneira a identificar pessoas, cujos sobrenomes as remetessem aos elencados na pesquisa. Uma porcentagem dessas pessoas será consultada sobre a história da sua família, de forma a arrolar informações para o entendimento das suas ancestralidades. Entende-se que esses passos são capazes de subsidiar uma metodologia de pesquisa sobre as linhas genealógicas dessas famílias. A partir do entendimento dos conceitos e procedimentos sobre ancestralidades, junto com os registros e documentos coletados, foi desenvolvido este resumo, com o objetivo de contribuir com para o fortalecimento do projeto de pesquisa central, vinculado ao Grupo de Pesquisa em Comunicação, Territorialidades e Culturas - COMTEC através da linha Etnocomunicação: Identidade, Pertencimento, Territorialidade na Comunicação, ao tempo que contribuirá para o desenvolvimento da instituição no sentido de melhorar e fortalecer o estudo da temática em questão, produzindo e levando informação qualificada sobre os meios de acesso a buscas ancestrais e identitárias.



PALAVRAS-CHAVE

Ancestralidade; Redes Digitais; Pertencimento; Estudos pós-coloniais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn. **Conhecimento e internet**: uma construção possível. Disponível em http://www.lynn.pro.br/admin/files/lyn_artigo/bd665065e9.pdf, acesso em 15/Jun/2019.

BASTIDE, Roger. **As Américas Negras**: as civilizações africanas no Novo Mundo. São Paulo: EDUSP, 1974.

CAMPOS, Luciano Teixeira. **O olhar sob a rede**. Recife: Maná, 2002.

CASTELLS, Manuel. **La galáxia internet**. Madrid: Areté, 2001.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **Estudos etnográficos da educação**: uma revisão de tendências no Brasil. In.: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida (Org.). *Etnografia e educação: Conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 25-45p.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira- UFC. 2005. 353f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2005.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade**. Petrópolis: Vozes, 1988.

SOUZA, Simone; FRANCO, Valdeni S; COSTA, Maria luiza. Educação a distância na ótica discente. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol. 42, núm. 1, jan./Mar., 2016, pp. 99-113.